

*Reverendo a relação entre movimento operário e Estado na América Latina:
O Sindicalismo Classista no México, Argentina e Brasil*

Alexandre Fortes
Departamento de História de Economia – Instituto Multidisciplinar
Programa de Pós-Graduação em História
UFRRJ

A comunicação que ora apresentamos tem como base o projeto de pesquisa em curso de mesmo nome, pretende mostrar como a ênfase em atores sociais vinculados às classes trabalhadoras e à autoconstrução de sua identidade política possibilita captar novas nuances e matizar análises tradicionais sobre o processo histórico latino-americano na chamada “Era Populista”.

Tendo como ponto de partida nossa própria pesquisa de doutorado sobre a temática no Brasil, a partir do caso de Porto Alegre, assim como de ensino de História da América Contemporânea na UFRJ, acreditamos ser possível oferecer uma contribuição original para o estudo desse objeto clássico, cuja atualidade tem sido inclusive renovada pelo debate sobre as recentes mudanças políticas na região.

Componente chave de todas as análises clássicas sobre o processo de formação das sociedades latino-americanas contemporânea, o tema do populismo, não sem causar certa surpresa, tornou-se o objeto de uma rica e diversificada produção historiográfica nas últimas duas décadas¹. A trajetória dos regimes, movimentos e líderes tradicionalmente denominados populistas tem sido reexaminada com maior acuidade, a partir de uma base empírica de dimensões imensamente mais amplas e de um instrumental teórico flexível e refinado. Busca-se assim romper com a abordagem estigmatizada da temática, originalmente formulada pela sociologia nos anos 50 e 60, mas que sobreviveu e até mesmo aprofundou-se na produção da ciência política dos anos 70 e na chamada “revisão historiográfica” dos anos 80.

¹ Ver, por exemplo: Gomes, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1988; James, Daniel. *Resistencia e integracion: el peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976*. Buenos Aires, Sudamericana, 1990; Negro, Antonio Luigi. “Paternalismo, populismo e história social” in *Cadernos AEL*, v. 11, n. 20/21, Primeiro e segundo semestres de 2004. Pp. 9-36; Silva, Fernando Teixeira da. *A carga e a culpa. Os operários das docas de Santos: Direitos e cultura de solidariedade (1937-1968)*. São Paulo: Hucitec/ Prefeitura Municipal de Santos, 1995.; Costa, Hélio da. *Em busca da memória: Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Scritta, 1995.

Com a emergência de um cenário muito mais complexo no que diz respeito à caracterização dos processos de organização e participação política dos setores populares, ruíram alguns dos elementos fundamentais da chamada “teoria do populismo”, como o uso indiscriminado dos conceitos de “manipulação”, “passividade”, “massas disponíveis”, etc. Diante disso, alguns autores tem proposto até mesmo o abandono do conceito², mas têm apresentado como alternativa ou termos descritivos associados a variantes específicas do fenômeno “trabalhismo”, “cardenismo”, “peronismo” ou caracterizações excessivamente genéricas, como “nacional-estatismo”³, aplicáveis a situações radicalmente distintas daquelas tradicionalmente abarcadas pelo que denominava tradicionalmente “populismo latino-americano”.

Uma alternativa encontrada por alguns autores⁴ diante desse impasse conceitual tem sido a utilização da expressão “sistema político populista”, cunhada por John D. French⁵, que ao contrário do uso mais indiscriminado do termo “populismo”, não pretende caracterizar simultaneamente líderes e movimentos particulares e um período histórico como um todo, referindo-se antes às particularidades da forma como se estabeleceu a relação entre sociedade e política na América Latina do período pós-Segunda Guerra Mundial. Mais recentemente, o debate conceitual ganhou novo dinamismo com a publicação de *On Populist Reason*, do cientista político anglo-argentino Ernesto Laclau, obra em que o autor argumenta que várias das características apontadas na literatura clássica sobre o populismo como indicadores do “atraso” ou das

² Ver, por exemplo: Roxborough, Ian. “Unity and diversity in Latin American history”. In *Journal of Latin American Studies*, 16, mai 1984, pp. 1-26; Knight, Allan, “Cardenismo: coloso o catramina?”. In Mackinnon, Moira e Petrone, Mario Alberto (org.) *Populismo y neopopulismo en América Latina. El problema de la cenicienta*, Buenos Aires: Eudeba, 1998.; Gomes, Angela de Castro. “O populismo e as ciências sociais no Brasil. Notas sobre a trajetória de um conceito”. *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol. 1, n^o 2, 1996. Pp. 31-58; Ferreira, Jorge. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”. In: Ferreira, Jorge (org.) *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

³ Reis Filho, Daniel Aarão. “O colapso do colapso do populismo ou A propósito de uma herança maldita”. In: Ferreira, Jorge (org.) *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

⁴ Ver por exemplo: Fortes, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul/Rio de Janeiro: EDUCS/Garamond, 2004; Silva, Fernando Teixeira da e Costa, Hélio da. “Trabalhadores urbanos e populismo: Um balanço dos estudos recentes” In: Ferreira, Jorge (org.) *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001; Fontes, Paulo e Duarte, Adriano. “O populismo visto da periferia: adhemarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953)” in *Cadernos AEL*, v. 11, n. 20/21, Primeiro e segundo semestres de 2004. Pp. 83-121.

⁵ Ver French, John D. *O ABC dos operários: Lutas e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. São Paulo/São Caetano do Sul: Editora Hucitec/Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995

“deficiências” latino-americanas são, na verdade, elementos intrínsecos à prática política.⁶

A proposta aqui, entretanto, ao menos num primeiro momento, não é de aprofundamento de um debate teórico generalista, mas sim do adensamento da compreensão comparativa dos fenômenos que ele pretende abarcar. O desenvolvimento da história social latino-americana, tanto no que diz respeito à produção gerada na própria região quanto naquela desenvolvida nos EUA (cujo caráter transformou-se profundamente nas últimas décadas), cria hoje condições para a realização de estudos comparativos capazes de efetivamente enriquecer nossa compreensão sobre o tema, ao contrário do que ocorria com boa parte dos antigos modelos teóricos “ilustrados” com dados e fatos relativos aos diferentes contextos nacionais e conjunturas específicas.

Um elemento fundamental nas diversas definições sobre o populismo ou mesmo na crítica ao uso do conceito sempre foi aquele da relação entre movimento operário e Estado. A expansão das investigações sobre a história do trabalho latino-americano, que tem assumido caráter vertiginoso no período recente, fornece portanto uma das mais importantes bases para qualquer abordagem que se proponha a repensar o chamado “período populista” em toda a sua complexidade.

Uma dos aspectos da trajetória do movimento operário latino-americano no período que só recentemente vem sendo valorizado a partir de estudos monográficos diz respeito ao desenvolvimento de um campo de discurso e ação sindical que designaremos, ao menos provisoriamente, de “classista”. Ao contrário da definição brasileira do “pelego” (ou da sua versão mexicana, o “charro”), o sindicalista “classista” defendia o direito ao uso de instrumentos de pressão dos trabalhadores, como a greve, mas simultaneamente adotava uma postura pragmática diante do Estado e do empresariado, buscando evitar que barreiras ideológicas limitassem a perspectivas de ganhos concretos.

No Brasil, no final dos anos 1970, o termo chegou a ser largamente utilizado na tentativa de definição das particularidades do novo sindicalismo que emergia em diversos pólos regionais e categorias profissionais, com ênfase para os metalúrgicos do ABC paulista. Trabalhos de pesquisa recente, entretanto, indicam que a natureza dessa prática sindical, também chamada de “autêntica”, não era nem absolutamente inovadora

⁶ Laclau, Ernesto. *On Populist Reason*. Londres: Verso, 2005.

4

nem emergia apenas de um processo de organização totalmente autônomo da nova configuração da classe trabalhadora no período, sendo marcada pela interação com correntes políticas organizadas, o Estado, a Igreja católica e mesmo com entidades sindicais internacionais.⁷ Outros autores tem identificado a presença de elementos dessa concepção sindical já no movimento operário da Primeira República, atribuindo-os à hegemonia do sindicalismo revolucionário, que na bibliografia mais tradicional sobre a origem do sindicalismo no Brasil foi, com frequência, confundido com o anarquismo.⁸

No nosso próprio trabalho, explicamos o predomínio dessa concepção no movimento sindical gaúcho desde o início dos anos 1930 como resultado de um balanço coletivo das experiências de organização das décadas pregressas, uma espécie de patrimônio comum, articulado por elementos da própria linguagem do movimento, como a ênfase na idéia de “unidade” e o banimento de discussões de cunho estritamente ideológico e religioso que poderiam colocá-la em risco do interior das entidades sindicais.⁹ Encontramos nos depoimentos orais e escritos de militantes sindicais os elementos fundamentais para a distinção desta forma de abordagem em relação à perspectiva mais tradicional, que considera a cultura sindical uma decorrência do predomínio de uma orientação ideológica externa. A hipótese sobre a qual se baseia o presente projeto é de que o mesmo procedimento pode se aplicado a depoimentos publicados ou gerados por pesquisas que tenham como base regiões do Brasil, assim como ao México e à Argentina, possibilitando um quadro comparativo refinado e nuançado que pode lançar novas luzes sobre a problemática tratada.

No caso do México, nos concentraremos particularmente na análise de dois casos. Um deles é o da polêmica em torno da figura mítica de Fidel Velásquez, o ex-leiteiro que se tornou um dos personagens políticos mais poderosos do país por cerca de 50 anos. O outro é o de Vicente Lombardo Toledano, fundador do sindicato nacional de professores, líder político de grande peso por várias décadas e um dos principais intelectuais marxistas do país.

Já em relação à Argentina, a análise se concentrará na geração de sindicalistas

⁷ Negro, Antonio Luigi. *Linhas de montagem. O industrialismo nacional-desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores (1945-1978)*. São Paulo: Fapesp/Boitempo, 2004.

⁸ Toledo, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionario. Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

⁹ Fortes, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul/Rio de Janeiro: EDUCS/Garamond, 2004. Capítulos 6 a 11, pp. 241-430

5

atuantes no período de emergência de Perón, com ênfase no líder dos trabalhadores da carne e fundador do Partido Laborista, Cipriano Reyes, autor de vários livros de memórias e cuja atuação foi objeto de algumas das mais importantes obras que lançam luzes para uma reavaliação histórica do peronismo. Além disso, é fundamental articular o estudo de lideranças nacionais como Reyes com trabalhos mais recentes que incluem vozes de lideranças de base e intermediárias, como os trabalhos de James e Lobato sobre Doña María Roldán e os trabalhadores dos frigoríficos de Berisso (ver Anexo 4: “Resenhas”).

No que diz respeito ao Brasil, trabalharemos com os depoimentos e livros de memórias de sindicalistas dos três principais pólos industriais do país no período (São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) a partir de trabalhos historiográficos que revêem a temática e de documentação primária (depoimentos, documentação das polícias políticas, imprensa operária e grande imprensa, etc.), já previamente levantada quando da realização da nossa tese de doutorado. A análise do discurso e da atuação dos sindicalistas desse período será ao mesmo tempo contextualizado num debate de mais longo prazo sobre as origens e desenvolvimento de elementos presentes no discurso sindical classista, vindo desde o sindicalismo revolucionário das primeiras décadas do século XX até as origens do “novo sindicalismo”.

O presente projeto começou a ser implementado em 2005, junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da UFRJ, contando com o apoio da Faperj por meio do Programa de Fixação de Pesquisadores. Os resultados foram extremamente significativos, particularmente no que diz respeito à pesquisa bibliográfica, conforme pode ser verificado no presente projeto.

Com a minha efetivação como professor adjunto de História Contemporânea no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o projeto foi retomado e contemplado com uma bolsa do Programa Institucional de Iniciação Científica no período 2006-2007, e com duas dessas bolsas para o período 2007-2008, o que representa uma melhora significativa nas suas condições de implementação.

Parte significativa da bibliografia levantada já foi objeto de debate com o grupo de alunos da UFRRJ e da UFRJ vinculado ao Grupo de Pesquisa “Relações de Poder, Trabalho e Movimentos Sociais”, associado à linha de pesquisa de mesmo nome do programa de pós-graduação em história da UFRRJ, recentemente aprovado pela

6

CAPES. Nesse estágio inicial de trabalho com alunos de graduação, o projeto já gerou dois subprojetos de monografia, agraciados com bolsas de iniciação científica do PIBIC. A mesma estratégia terá continuidade visando captar bolsas para os demais estudantes do grupo junto a outras agências de fomento. Caso o presente projeto seja aprovado, demandaremos também bolsas de iniciação na quota específica destinada pelo CNPq aos detentores de bolsa de produtividade.

O projeto já obteve apoio destinado à aquisição de equipamentos e bibliografia especializada pelo Programa de Infra-Estrutura para Jovens Pesquisadores / Programa Primeiros Projetos – PPP da Faperj e do CNPq, por meio do Edital de Ciências Humanas, edição de 2007, o que proporcionará uma significativa expansão nas metas da pesquisa, com a inestimável contribuição da ida a campo no México, um dos dois países que são aqui estudados em comparação com o Brasil. No caso da Argentina, nos valeremos de contatos e de pesquisa preliminares realizados na época na época da elaboração da nossa tese de doutorado, além da possibilidade de utilizar a oportunidade de participação em eventos científicos para pesquisa complementar.

Comentaremos na nossa apresentação alguns dos resultados parciais já obtidos no desenvolvimento deste projeto.